

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC BRUNO DA SILVA BIGGI

SOBREVIVENDO ENTRE OS GIGANTES:

A Interdependência Complexa nas relações de Angola com a China e com os  
Estados Unidos da América.

Rio de Janeiro

2022

CC BRUNO DA SILVA BIGGI

SOBREVIVENDO ENTRE OS GIGANTES:

A Interdependência Complexa nas relações de Angola com a China e com os  
Estados Unidos da América

Dissertação apresentada à Escola de Guerra  
Naval, como requisito parcial para conclusão do  
Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF RICARDO RUSSO CARVALHAES

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família, por ter colaborado, desde a minha infância, com a minha formação pessoal.

À minha esposa, CEMOS 2022, alicerce da minha vida, por sempre estar ao meu lado nos momentos de dificuldade, sendo, em qualquer momento, uma pessoa que sempre me apoiou.

Aos meus filhos, CEMOS 2022, por lidarem com as minhas ausências e pelo amor incondicional dispensado a mim, o que sempre me motiva a seguir a árdua caminhada. Obrigado pelos sorrisos e abraços amorosos que sempre me motivam a ir em frente.

Ao meu orientador, CEMOS 2022, que, com sua serenidade e camaradagem, aconselhou-me durante a realização deste trabalho.

Aos instrutores e oficiais-alunos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores 2022, por compartilharem seus aprendizados e pela amizade durante esta trajetória.

## RESUMO

As relações internacionais sofreram mudanças consideráveis no século XX. A relevância da Teoria Realista diminuiu com o surgimento de outros atores, e, devido ao incremento das relações comerciais e econômicas, a prioridade do uso da força para resolver as relações entre os Estados foi colocada à prova. Sendo assim, a Teoria da Interdependência Complexa surgiu para se contrapor à Teoria Realista, que até então se mostrava predominante na análise das relações interestatais. Durante a sua trajetória, a Interdependência Complexa sofreu várias críticas no sistema internacional durante os períodos de crises, sendo a última a crise econômica de 2008. Sendo assim, o continente africano e, especificamente, a República de Angola despontaram como regiões de interesse para os chineses e para os estadunidenses. Em face desse cenário, o propósito desta pesquisa é analisar, à luz da teoria sobre a Interdependência Complexa, as relações sino-angolana e os Estados Unidos da América e a República de Angola. Para tanto, destacam-se os principais acontecimentos que marcaram a história e o relacionamento entre os países, a fim de responder à questão sobre as relações entre a República de Angola e as Grandes potências do mundo, China e EUA, para atestar se há aderências com a Teoria da Interdependência, após a crise econômica de 2008. Para alcançar esse objetivo, estabeleceu-se como desenho da pesquisa o confronto da teoria com a realidade, utilizando-se como fundamentação a teoria da Interdependência Complexa de Robert O. Keohane e Joseph S. Nye. Assim, foi possível observar que as relações de interdependência sino-angolana e dos Estados Unidos e Angola aumentaram muito após a crise econômica de 2008. Dessa maneira, como resultado, concluiu-se que as relações, anteriormente citadas, estão cada vez mais aderentes à teoria utilizada.

**Palavras-chave:** Teoria da Interdependência Complexa. Angola – História. Relações internacionais. Relações sino-angolanas. Relações Angola e Estados Unidos.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>A TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>OS DESAFIOS DA TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA.....</b>	<b>11</b>
2.1.1	Fim da Guerra Fria .....	11
2.1.2	Ataque terrorista de 11 setembro de 2001.....	13
2.1.3	Crise econômica de 2008.....	14
<b>3</b>	<b>A HISTÓRIA ANGOLANA: PERÍODO PRÉ-COLONIAL ATÉ A GUERRA CIVIL .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>PERÍODO PRÉ-COLONIAL.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>FASE COLONIAL.....</b>	<b>18</b>
3.2.1	Primeira etapa (1482 a 1500) .....	18
3.2.2	Segunda etapa (1500 a 1885).....	18
3.2.3	Terceira Etapa (1885 a 1910).....	20
3.2.4	Quarta etapa (1910 a 1961).....	20
3.2.5	Quinta etapa (1961 a 1975).....	21
<b>4</b>	<b>RELAÇÕES INTERDEPENDENTES ENTRE ANGOLA E CHINA .....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>RELAÇÕES INTERDEPENDENTES ENTRE ANGOLA E EUA .....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As relações internacionais<sup>1</sup> vêm passando por transformações que se acentuaram a partir da segunda metade do século XX. Nesse novo cenário, observa-se forte presença da globalização entre os Estados que estão cada vez mais presentes nas relações comerciais e econômicas. O comércio entre os Estados obtém mais substância no mundo globalizado, principalmente no aumento do fluxo de capital e no papel crescente da economia.

Como consequência, filósofos e pensadores pesquisavam uma nova teoria, ou escola de pensamento, que pudesse proporcionar teses acerca do conteúdo de tais transformações, visto que o poder proposto na Teoria Realista Clássica não se mostrava tão explícito. Surge, então, a Teoria da Interdependência Complexa, que busca elucidar como transcorrem as novas relações na política mundial. Essa nova corrente teórica nasce em meados da década de 1970, do livro “Poder e Interdependência”, de Robert O. Keohane e Joseph S. Nye Jr. (2011), tornando-se uma alternativa para a Escola Realista.

Entretanto, a teoria citada anteriormente sofreu grandes críticas durante anos, principalmente durante as crises que o mundo passou após o surgimento da Teoria da Interdependência Complexa na década de 70, o fim da Guerra Fria (GF) (1989-1991), o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 e a crise econômica de 2008.

As grandes potências do mundo estão interessadas pelo controle dos consideráveis recursos naturais do continente africano. Esses países buscam consolidar seus investimentos no continente, enquanto procuram expandir suas economias além dos setores de petróleo e gás.

---

<sup>1</sup> Visam ao estudo sistemático das relações políticas, econômicas e sociais entre diferentes países cujos reflexos transcendam as fronteiras de um Estado (ARON, 2004).

Adotando por base esse contexto, o trabalho em tela possui o propósito de analisar o relacionamento da República de Angola (RA) com a China e com o Estados Unidos da América (EUA) no século XXI, sob o enfoque da Teoria da Interdependência Complexa, com o intuito de verificar se há aderência entre os pressupostos teóricos apresentados e a realidade vivenciada após as críticas sofridas pela teoria. O método a ser utilizado na pesquisa será o da comparação entre “teoria e realidade”, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, sites e documental.

Ao término deste estudo, pretende-se responder ao seguinte questionamento: As relações entre RA e as Grandes potências do mundo, China e EUA, têm aderências com a Teoria da Interdependência Complexa de Keohane e Nye (2011), após a crise econômica de 2008?

De forma a alcançar o objetivo proposto, este trabalho está estruturado em seis capítulos, dentre os quais esta introdução. O capítulo dois apresentará o arcabouço teórico necessário para a análise proposta, examinando conceitos atinentes à Teoria da Interdependência Complexa e os desafios que a teoria sofreu nas principais crises sofridas após o surgimento da teoria, no contexto das Relações Internacionais; no capítulo três serão abordadas a história, social e econômica, de Angola desde o período pré-colonial até a Guerra civil(1975-2002) ocorrida no país, a fim de conhecer este estado africano que será analisado posteriormente; os capítulos quatro e cinco serão destinados a abordar as relações sino-angolana e EUA e RA, respectivamente. Inicialmente, será apresentado um breve histórico do início do engajamento e posteriormente será discorrido sobre as relações entre os países no século XXI, fazendo comparações das relações com a teoria, além de verificar se a Teoria da Interdependência Complexa está presente no século XXI nessas relações.

Finalmente, no capítulo seis, pretende-se concluir o trabalho, tendo por base todos os conhecimentos aportados nesta dissertação. Tal capítulo terá como finalidade responder ao questionamento proposto no início desta introdução.



## 2 A TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA

As relações internacionais possuem um conjunto de teorias que buscam elucidar a política internacional, em que o poder é um acontecimento debatido entre o realismo/liberalismo e neorrealismo/neoliberalismo, os quais fornecem fatos para compreender as relações entre os Estados.

Assim, revelada na década de 70 do Século XX, do clássico “Poder e Interdependência” de Keohane e Nye (2011), a Teoria da Interdependência Complexa surge, juntamente, com as mudanças acarretadas pela globalização no mundo contemporâneo, que abrangiam o surgimento de transnacionais, o crescimento do comércio e a integração internacional intensiva.

Sob esse prisma, a Teoria da Interdependência Complexa estuda a relação de poder no sistema internacional.

Segundo Keohane e Nye (2011), a análise do poder dos atores estatais e não estatais deveria ir muito além do uso do poder coercitivo, como pregavam os teóricos realistas, pois deveria considerar também o mercado financeiro, as questões climáticas e sociais, entre outros aspectos, para, assim, apresentar uma gama de dimensões que os Estados deveriam possuir para ampliar o poder internacional, contrariando, em certa parte, a escola realista<sup>2</sup> que predominava durante todo o período da Guerra Fria (GF).

Com os argumentos apresentados até o momento, a Teoria Realista demonstra que o Estado é o centro das atenções no mundo e que a utilização da força militar é a forma de se impor no sistema internacional. Por outro lado, a Teoria da Interdependência Complexa

---

<sup>2</sup> As teorias realistas das relações internacionais, que reivindicam um caráter objetivo, empírico e pragmático, consideram que o Estado é o ator principal das relações internacionais. A Força é um instrumento por meio do qual os Estados garantem sua sobrevivência no meio internacional.

entende que, o destaque do Estado no mundo, não vem apenas da força militar, mas também de outras dimensões, conforme comentado anteriormente, principalmente com a chegada da globalização.

Nesse ínterim, a Teoria da Interdependência Complexa surge perante uma conjuntura em que o mundo intensificava cada vez mais uma colaboração internacional nas décadas de 70 e 80 do Século XX, como, por exemplo, novos atores transnacionais, em um momento científico predominantemente realista, principalmente devido aos problemas como a degradação ambiental, correntes migratórias, refugiados, terrorismo, proliferação de armas, pandemias e instabilidade financeira que poderiam ser mais comedidos a partir da cooperação entre os Estados.

Interdependência Complexa são as assimetrias na dependência que têm maior probabilidade de fornecer fontes de influência para os atores em suas relações uns com os outros. Atores menos dependentes muitas vezes podem usar a relação de interdependência como fonte de poder na negociação de uma questão e talvez para afetar outras questões (KEOHANE; NYE, 2011, p. 9, tradução nossa).<sup>3</sup>

Desse modo, a Interdependência Complexa buscou complementar o realismo, não havendo intenção de substituí-lo. Sendo assim, a força militar pode ser utilizada, mas não será predominante em certas condições, pelo custo elevado ou porque há outros meios mais efetivos (KEOHANE; NYE, 2011).

Além disso, Keohane e Nye (2011) citam que quando se fala em dependência mútua, esta pode se referir ao plano militar, econômico, social, político etc. A interdependência pode gerar benefícios, mas também custos elevados recíprocos, não necessariamente simétricos, nas transações. Os benefícios podem significar o ganho de um Estado em cima da perda de outro, ou de ganho de dois ou mais Estados.

---

<sup>3</sup> (Original) It is asymmetries in dependence that are most likely to provide sources of influence for actors in their dealings with one another. Less dependent actors can often use the interdependence relationship as a source of power in bargaining over an issue and perhaps to affect other issues.

Essas particularidades serão denominadas Interdependência Complexa, como uma forma de política internacional factível aos Estados no mundo global. Além disso, os autores argumentam outros pontos importantes como o uso da força, hierarquia entre as questões e a existência de um canal de comunicação, contrapondo-se a Teoria Realista que versa sobre o uso da força militar como o mais significativo, a segurança nacional como hierarquicamente superior que as demais questões, atestando assim os problemas da Teoria Realista.

Sendo assim, pode-se entender que a interdependência é a dependência mútua entre os Estados, seja na ordem militar, econômica, social ou outra, a partir do estabelecimento das relações simétricas ou assimétricas e das interações de dependência recíproca.

Nye e Keohane (2011) utilizaram a interdependência complexa para reverter três suposições realistas, quais sejam: (1) os Estados são os únicos atores significativos, (2) a segurança é o objetivo dominante e (3) a força é o instrumento dominante.

Com isso, eles apresentam no livro três principais características da interdependência complexa. A primeira informa que os Múltiplos Canais mostram três atores: interestatais, transgovernamentais e relações transnacionais, ou seja, qualquer acordo bilateral ou multilateral independentemente do ator, será um atributo dos Múltiplos Canais; a segunda característica da Interdependência Complexa demonstra que as relações interestatais não serão hierarquicamente claras, ou seja, a segurança militar não será, necessariamente, um conteúdo dominante nas relações entre os estados, como prega o realismo, dependerá do grau de interesse de cada estado nas relações interestatais; e a terceira e última característica é a de não empregar a força militar de um governo sobre um outro ator quando houver uma relação de interesses entre as partes (KEOHANE; NYE, 2011).

Para os autores, quando impera a interdependência complexa, o uso da força militar se torna irrelevante para resolver disputas entre os governos que possuem alianças em várias áreas. Sendo assim, as organizações internacionais trabalham de forma cooperativa entre elas.

Assim, mudanças tecnológicas e o crescimento na interdependência econômica transformam os regimes internacionais ultrapassados, pois não suportam o aumento no volume das relações entre os estados. De outra parte, os governos se tornam vulneráveis à pressão interna pelo crescimento do padrão de vida.

Desse modo, os benefícios do movimento internacional de capitais, bens e trabalho levam aos governos incentivos para que mudem os seus regimes internacionais para preservar sua estabilidade com a sociedade do seu Estado (KEOHANE; NYE, 2011).

## **2.1 OS DESAFIOS DA TEORIA DA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA**

As características apresentadas para a Teoria da Interdependência Complexa pelos autores Keohane e Nye (2011) foram desafiadas ao longo do tempo pelos críticos às ideias oriundas dela; sendo que o fim da GF, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e as reações a eles e a crise financeira global de 2008 foram os mais desafiadores à validação dos argumentos que cercam a Interdependência Complexa.

Com isso, analisar-se-á cada evento para observar se a Teoria da Interdependência Complexa permanece nas relações internacionais em cada época.

### **2.1.1 Fim da Guerra Fria**

Enquanto alguns analistas previam o eventual fim da GF, quase nenhum estava certo sobre o momento, e muitos estavam errados sobre as consequências. Como acontece

com a maioria dos grandes eventos da política mundial, é preciso uma explicação adequada para entender o acontecimento e o que acontecerá no futuro. Para tal finalidade, usam-se as teorias internacionais.

Perante as explicações, as teorias realistas estruturais (“neorrealismo”) focaram na estabilidade da bipolaridade, na distribuição do poder militar e nas suas expectativas de que, após a GF, os Estados se envolveriam em alianças para equilibrar o poder na Europa Central. Ao contrário das consequências das duas guerras mundiais, a Europa Central tornou-se uma área de estabilidade após a GF (KEOHANE; NYE, 2011).

Os conceitos de interdependência complexa, principalmente com a característica de múltiplos canais, ajudaram os observadores a evitar esperar que as consequências do fim da GF fossem as mesmas praticadas no século XIX e início do século XX, ou seja, um mundo instável politicamente.

No final do século XX, houve uma grande mudança tecnológica advinda da Terceira Revolução Industrial que possibilitou que as informações fossem transmitidas cada vez mais rápido e estimulou a interação entre as pessoas do mundo todo, além dos desenvolvimentos das indústrias, da economia e das relações sociais, fazendo com que o mundo fosse mais globalizado (KEOHANE; NYE, 2011).

Todavia, o sistema soviético foi inapto para lidar com essa evolução da troca de informação no mundo, devido ao profundo sigilo do seu sistema político, fazendo com que seu fluxo de informação fosse lento e pesado (KEOHANE; NYE, 2011).

A globalização econômica criou turbulência na economia mundial no final do Século XX. Os países do ocidente conseguiram reorganizar suas indústrias pesadas, mudar para computadores e transferir mão de obra para serviço, usando sistema de mercado entre os países. Entretanto, a ex-URSS não conseguiu acompanhar tal evolução. Sendo assim, os

adeptos da Interdependência Complexa estariam mais preparados para entender parte das causas e dos regimes estabelecidos na Europa central após o fim da GF (KEOHANE; NYE, 2011).

Com isso, é perceptível como a Teoria da Interdependência Complexa ganhou força na época. Devido à globalização e as evoluções tecnológicas, o mundo ficou mais estável ao fim da GF, diferente do fim das guerras mundiais, quando o planeta era instável.

### 2.1.2 Ataque terrorista de 11 setembro de 2001

Em setembro de 2001, o mundo ficou estarrecido com os ataques terroristas ao território norte-americano. Isso fez com que os críticos pusessem, mais uma vez, a Teoria da Interdependência Complexa em suspeição.

Os atos terroristas de 11 de setembro mostraram que as redes de interdependência, envolvendo a transmissão de violência informal, assumiram uma forma global. Referindo-se a essa evolução como “a globalização da violência informal” (KEOHANE; NYE, 2011).

Para Keohane e Nye (2011), a interdependência é conceituada como dependência mútua e o poder é conceituado em termo de interdependência assimétrica. Além disso, os autores deixam claro que

O poder militar domina o poder econômico no sentido de que os meios econômicos por si só provavelmente serão ineficazes contra o uso sério da força militar (KEOHANE; NYE, 2011, p. 14, tradução nossa).<sup>4</sup>

Portanto, os adeptos dos conceitos de interdependência complexa não ficaram surpresos que a reação do EUA ao 11 de setembro fosse principalmente militar e não econômica, visto que a força militar não é totalmente descartada pela teoria.

---

<sup>4</sup> (Original) Military power dominates economic power in the sense that economic means alone are likely to be ineffective against the serious use of military force.

Antes do 11 de setembro, os analistas convencionais foram incapazes de entender como o EUA poderia ser tão vulnerável a um grupo pequeno de terroristas. Segundo Keohane e Nye (2011), o poder não vem simplesmente pelas forças militares, mas das assimetrias na interdependência da vulnerabilidade que podem favorecer certos atores não estatais.

Com isso, compreendeu-se que mesmo um Estado sendo extremamente poderoso em muitas dimensões, pode ser altamente vulnerável em outras, cuja lição foi aprendida na década de 1970 com relação ao poder do petróleo e reaprendida com relação ao terrorismo em 2001.

Essas citações demonstram que a utilização da força militar pode se tornar prioridade entre as possíveis soluções para resolver as relações internacionais. Conforme relatado anteriormente, a Teoria da Interdependência Complexa não descartou a possibilidade da utilização da força. Com o mundo globalizado, os atores não estatais estão cada vez mais presentes. Com isso, pode-se inferir que a teoria permaneceu válida nas relações internacionais.

### 2.1.3 Crise econômica de 2008

Em 1977, não se tinha ideia de como era a complexidade da interdependência complexa. Segundo Keohane e Nye (2011), o papel dos atores transnacionais torna mais difícil para os líderes dos Estados “calcular a manipulação da interdependência” e os laços transgovernamentais tornam o interesse nacional mais incerto.

Essas observações parecem manter a Teoria da Interdependência Complexa válida quando se observa a crise financeira de 2008.

Os relatos da crise discorrem sobre a procura de mudanças na estrutura da economia mundial e o candidato na época era a ascensão da China à proeminência

econômica. Isso poderia causar uma grande mudança no equilíbrio global de poder em que a China poderia vender as reservas internacionais que possuía nos títulos do tesouro norte-americano, colocando o EUA em situação calamitosa (KEOHANE; NYE, 2011). Caso acontecesse isso, a China reduziria o valor das suas reservas à medida que o preço do dólar caísse, mas também comprometeria o EUA de continuar a importar produtos chineses, o que significaria perda de empregos e instabilidade na China (KEOHANE; NYE, 2011).

Isso mostra como a relação entre os atores são cada vez mais interdependentes com o passar dos anos. A China poderia se tornar uma potência global no lugar do EUA, mas as relações econômicas entre os dois países impediram a China de tomar uma decisão importante devido à interdependência cada vez mais complexa.

Por fim, ao concluir esse capítulo, destacam-se alguns pontos relevantes. A Teoria da Interdependência Complexa surge em meados de 1970, para se contrapor à Teoria Realista Clássica, tendo em vista as modificações pelas quais passava o sistema político internacional, das quais destacam-se o surgimento de atores não-estatais e o crescente papel da economia nas Relações Internacionais.

A partir daí, criam-se relações de interdependência gerando benefícios e/ou custos recíprocos, fontes de poder não-militar. O uso da força deixa de ser o instrumento mais efetivo da política, os temas da agenda internacional deixam de ter uma hierarquia, e as sociedades passam a ter múltiplos canais de contato.

Nesse sentido, os regimes políticos internacionais surgem como forma de tornar possível a cooperação entre os atores, criando instâncias que os possibilitam negociar adequadamente e obter benefícios mútuos.

Além disso, foi demonstrado como o mundo se assemelha à Teoria da Interdependência Complexa, a qual passou por desconfianças nos três eventos mais



significativos da política mundial, desde a publicação de Poder e Interdependência, em 1977, conforme demonstrado neste capítulo.

Destarte, será que esta teoria das relações internacionais está no convívio entre os Estados após a crise de 2008? Para isso, será verificado a história da RA e as relações de Angola com as superpotências mundiais, como China e EUA, nos próximos capítulos.

### **3 A HISTÓRIA ANGOLANA: PERÍODO PRÉ-COLONIAL ATÉ A GUERRA CIVIL**

Antes de iniciar a análise das relações entre RA e as grandes potências mundiais – China e EUA –, é interessante conhecer a história econômica e social desse país africano.

A história de Angola, social e econômica, foi caracterizada pelas condições sociais precárias do país desde os períodos pré-colonial e colonial, uma vez que o país passou por uma época de dificuldades no que concerne o crescimento do mercado interno e da economia local (PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

#### **3.1 PERÍODO PRÉ-COLONIAL**

Quando os europeus compareceram à África pela primeira vez, as populações estavam em um momento de prosperidade muito baixa. Naquele período, habitavam em Angola sociedades de origem Bantu, organizados em reinos, e Khoisan, organizados em clãs, que foram os primeiros habitantes no território angolano na época, nativos do sul do continente (MPLA, 1975 apud PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

Na época, a economia angolana era dominada pela economia de subsistência e pela economia artesanal, as quais prevaleciam as relações sociais e o bem-estar geral, e não a riqueza e economia pelos hábitos usuais em parceria com os rituais religiosos (GONÇALVES, 2011).

Antes da apropriação portuguesa, o território angolano era dividido em vários reinos, realçando-se os reinos do Congo, Ndongo, Matamba, Benguela e os do Planalto Central. Contudo, o Reino do Congo continha, naquela época, uma organização socioeconômica e política mais próspera. Pode-se conceituar que o reino de Congo, no século

XVI, era um exemplo de uma organização política federada (MPLA, 1975 Apud PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

Na época, salientavam que, devido ao território angolano ser de grandes dimensões, era interessante haver a descentralização do governo e, conseqüentemente, a descentralização da economia.

### **3.2 FASE COLONIAL**

Após o período pré-colonial, a RA sofreu um período de exploração pelos portugueses e, posteriormente, chegou a sua independência e a Guerra Civil no país. Essa época ficou caracterizada como o período colonial angolano que foi dividido em cinco etapas, as quais serão apresentadas a seguir.

#### **3.2.1 Primeira etapa (1482 a 1500)**

Com a chegada dos portugueses no território angolano, iniciou-se a primeira etapa da fase colonial em 1482, tendo interação inicial com o povo de Congo na busca por ouro e marfim em troca de materiais, como miçangas, vinhos, aguardentes e outros produtos (FERREIRA, 2014).

Nessa etapa, o comércio angolano começou a funcionar como outro país, contudo não da forma da Teoria da Interdependência Complexa, mas sim por imposição dos portugueses aos seus colonizados.

#### **3.2.2 Segunda etapa (1500 a 1885)**

Essa etapa foi caracterizada pelo tráfico de escravos, no qual os angolanos foram apreendidos e alienados aos navios negreiros que se transferiam para o Brasil e outras regiões

da América, onde foram vendidos aos donos de plantações de cana de açúcar (FERREIRA, 2014).

Em 1869, começou a exportação da borracha, tornando-se o primeiro produto de exportação de Angola pouco tempo depois. O setor agropecuário sofreu uma transformação em meados do século XIX, com o aparecimento de novas espécies vegetais e animais (cavalos e burros). Ademais, acrescenta-se, também, produtos cultivados originários da América Latina, como o milho, a batata-doce, o amendoim e a mandioca; da Ásia, como a banana e o arroz; e da Europa, como o trigo, os citrinos e as hortaliças. Dentre as matérias-primas cultivadas para a exportação, ressaltam-se o café com origem da Etiópia, o cacau proveniente do Amazonas, o gergelim e o algodão originários da Índia. Além do mais, a pesca marítima superou a pesca fluvial (ALEXANDRE; DIAS, 1998).

Nessa etapa, os portugueses empenhavam-se em obter lucros por meio do tráfico de escravos, ocasionando várias revoltas pelos angolanos. Com o tempo, esse comércio com os escravos foi reduzindo progressivamente, fazendo com que a burguesia local começasse a se aproximar do Brasil, conquistando mais adeptos à ideia, logo depois do fim do tráfico de escravos. No entanto, os apoiadores à Portugal venceram e buscaram incentivar uma economia de exportação tropical. Para tal, adotaram as riquezas naturais do país e a preservação do trabalho forçado. Assim, estimularam-se a produção de amendoim e óleo de palma e sobretudo da borracha (VALÉRIO; FONTOURA, 1994; FIGUEIREDO, 2014 apud PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

Nesse período, Angola sofria com a exploração de Portugal nos comércios de tráfico de escravos e de recursos naturais, como a borracha e produtos do setor da agropecuária, que foram utilizados para exportação.

### 3.2.3 Terceira Etapa (1885 a 1910)

Em 1885, iniciou-se a terceira etapa colonial, que foi delimitada pelas guerras militares, as quais levaram Portugal a obter o controle do território angolano. Esse período perdurou até 1910.

Em 1886, com a ocupação do território angolano, Portugal e Alemanha fixaram a atual fronteira de Angola e Namíbia. Paralelamente à ocupação colonial, os dois países iniciaram as bases de exploração do território (RELÓGIO; TAVARES; PACHECO, 2017 apud PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

Isso demonstra um período da imposição da força de um país sobre o outro. Essa característica se alinha bem à Teoria do Realismo.

Em 1908, a borracha representava cerca de 65% das exportações de Angola, vindo esta produção a ser derrubada pela concorrência de Singapura, Ceilão e Taiping (FIGUEIREDO, 2014 apud PACHECO; COSTA; TAVARES, 2018).

### 3.2.4 Quarta etapa (1910 a 1961)

Na quarta etapa, em 1910, foram efetivadas novas ideias de exploração capitalista em Angola, com as seguintes ações: obras de infraestruturas dos caminhos de ferro; construção de estradas, através do trabalho forçado e gratuito de homens, mulheres e crianças; transformação de Angola em uma colônia de povoamento branco; término da troca direta e adesão da circulação monetária; eliminação da pequena burguesia africana através de medidas administrativas e econômicas; intensificação dos treinamentos militares devido às rivalidades europeias e da aproximação da Grande Guerra. Logo, a participação de Portugal

nesta guerra, em parte, foi motivada pela defesa das suas colônias perante as pretensões alemães.

O Ato Colonial de 1930<sup>5</sup> foi o grande causador pelo retardo da industrialização em Angola, a qual só se intensificou com as alterações realizadas na década de 60 (ALEXANDRE; DIAS, 1998).

Nos anos seguintes à crise econômica mundial de 1929-1933, houve uma restauração da economia angolana, em função ao cenário internacional no fim dos anos trinta e na década de quarenta, o que foi favorável às exportações de matérias-primas. A produção que havia diminuído durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) recuperou-se lentamente e só em 1932 a Angola ultrapassou os números da balança comercial de 1910 (GONÇALVES, 2011).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o comércio exterior de Angola progrediu consideravelmente e as exportações aumentaram a uma taxa anual de 2,5% (GONÇALVES, 2011).

### 3.2.5 Quinta etapa (1961 a 1975)

Finalmente, em 4 de fevereiro de 1961 iniciou-se a quinta e última etapa da idade colonial, que foi a Revolução Angolana.

A década de 1960 foi manifestada pelos processos de soberania dos países no continente africano. Porém, Portugal não proporcionou a independência, liberdade ou direito político ao povo angolano. Essa atitude dos portugueses foi gerada pelas dificuldades no país,

---

<sup>5</sup> Definia o princípio do comércio preferencial, reservando às colônias o papel de fornecedoras de matérias-primas e abrindo os seus mercados aos produtos da metrópole, acompanhado da política portuguesa de «condicionamento industrial», que vedava às colônias as indústrias que concorressem com as da metrópole

o que não admitia a imposição do neocolonialismo<sup>6</sup>, da mesma maneira que as concretizadas pelo Reino Unido e pela França. Dessa forma, o posicionamento de Portugal estimulou um conflito pela emancipação de Angola (VISENTINI, 2012).

Os conflitos armados contra Portugal começaram em 1961, contando com diferentes organizações. Segundo Schmidt (2013), três movimentos objetivaram e coordenaram a busca pela independência em Angola. A primeira foi o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), criado em 1956, e chefiado por Agostinho Neto. Os membros do MPLA eram inspirados em Karl Marx<sup>7</sup> e ficavam concentrados ao centro do país, abrangendo a capital Luanda.

O segundo movimento de independência angolana foi a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), criada em 1962, tendo como líder e criador Holden Roberto. A FNLA ficava ao norte do país na divisa com o Zaire. Eles defendiam a questão, principalmente os brancos e os mestiços (SCHMIDT, 2013).

O último movimento de libertação angolano é a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), fundada em 1966, que foi contrário à FNLA, chefiados por Jonas Savimbi. No início, esse movimento, que ficava no sul do país, se manifestava como maoísta, mas logo tomam uma atitude anticomunista, com a intenção de angariar novos parceiros externos e, dessa forma, começaram a se aproximar do bloco capitalista (SCHMIDT, 2013).

---

<sup>6</sup> N'Krumah avalia o neocolonialismo com um estágio avançado do imperialismo que não se configura em um neoimperialismo. Trata-se de uma reestruturação de práticas que ao invés de renovar, produz algo diferente que compõe um sistema de dominação política que usa como forma de coerção agenciamentos econômicos e financeiros (N'KRUMAH, 1967).

<sup>7</sup> Marx é um teórico radical que baseou sua teoria sobre a evolução do capitalismo na mudança econômica e no conflito de classes econômicas (MINGST, 2014).

A revolução angolana em 1975 logrou o êxito graças a recessão econômica, a ajuda internacional a favor da independência e à degradação militar portuguesa na África, o que geraram vários riscos a colonização de Angola por Portugal. Em conjunto, acrescenta-se a rápida transformação que os portugueses vinham manifestando no início dos anos 1970, motivada pelo prejuízo do comércio colonial, graças à admissão no Acordo comercial pelo livre comércio na Europa e pelo aumento da população em oposição à ditadura (VISENTINI et al., 2013).

Isso demonstrava o fim do imperialismo português, principalmente pelos acordos do livre comércio adotados pelos países europeus, iniciando, assim, uma interdependência entre os países, justamente quando surgiu a Teoria da Interdependência Complexa.

Em 1975, iniciaram as transações para a instauração da independência em Angola, levando à admissão do Acordo de Alvor (AA). Esse Acordo estabelecia uma transição de governo entre Portugal e os três movimentos de libertação angolanos (MPLA, FNLA e UNITA), a fim de constituir critérios para a limitação do poder pelos três movimentos nacionalistas após a independência de Angola.

O governo temporário, formado por membros dos três movimentos, se dividiu, por causa do aumento dos anseios pelo poder (WESTAD, 2005). Com isso, em 1975, foram proclamadas duas repúblicas em Angola, a primeira como República Popular de Angola declarada pelo MPLA em Luanda e a segunda como a República Democrática de Angola declarada pela FNLA, em Hambo. Por conseguinte, após essas proclamações, iniciou-se uma guerra civil entre as duas repúblicas em Angola que perduraria até o início do século XXI (WESTAD, 2005; VISENTINI et al., 2013). Essa guerra tornou Angola o centro da África.



Após o AA e a independência em novembro de 1975, Angola possuía duas governanças ao mesmo tempo, sendo que Portugal não aceitou nenhum dos dois governos até 1976. Entretanto, o mundo foi admitindo aos poucos o governo do MPLA.

Com a independência de Angola, a minoria branca saiu do país retirando a sua riqueza e conhecimentos, levando o país a uma recessão administrativa e de produção. Ademais, a Angola era o país de investimentos dos principais países do mundo, incluindo o EUA (VISENTINI et al., 2013; SCHMIDT, 2013).

Percebe-se que, mesmo nesse período de guerra civil, as grandes potências globais começaram a aumentar os investimentos em Angola, demonstrando as características da interdependência complexa.

Em 1991, houve um acordo de paz entre os três movimentos em Portugal. Com isso, em 1992, houve a primeira eleição em Angola vencida por José Eduardo dos Santos, membro do MPLA, que não foi aceito pelo movimento UNITA. Isso acabou levando ao recomeço da guerra civil. Naquele momento, a presença estrangeira nesta guerra era visível. Dessa forma, a ascensão de Nelson Mandela em 1994 e a queda de Mobutu no Zaire em 1997, fez com que a UNITA perdesse forças, embora esse movimento só tenha se encerrado com a morte do seu líder, em 2002 (VISENTINI, 2010).

O efeito desta Revolução, como também outras revoluções ocasionadas na década de 1970, foi o aparecimento do bloco socialista durante a GF. A ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) procurava novos parceiros no continente africano, incluindo a Angola, com o intuito de desequilibrar a estratégia que o EUA provocou na polaridade do mundo (VISENTINI, 1998).

O EUA e o bloco capitalista fracassaram na Revolução deste país africano. A ideia de não participar diretamente dos conflitos manteve os estadunidenses distantes dos países

do terceiro mundo, ficando mais agravante por ocasião das revoluções dos países africanos. Por estas razões, na década de 1990, os EUA resolveram alterar sua política com a África a partir de um afastamento da África do Sul e do afastamento de conflitos no continente (WESTAD, 2005; VIZENTINI, 1998).

A Revolução Angolana levou a uma grande mudança no comportamento das grandes potências do continente africano. A China elevou sua presença nesse continente, incluindo a Angola, com a aspiração de afastar a ex-URSS de suas influências nos países da África. Cabe destacar, também, a vitória do MPLA sobre as forças apoiadas pelos estadunidenses, UNITA (CHAZAN et al., 1999; WESTAD, 2005).

Com base nisso, observa-se que, na maior parte da história angolana, a presença das características da teoria da interdependência, como foi explicado no capítulo anterior, só apareceu após a sua independência, a qual começou com uma maior aproximação das grandes potências no país.

Na maior parte do tempo, a teoria realista esteve mais presente pela sua característica principal: a imposição da força como a prioridade.

Nos próximos dois capítulos, será apresentado a presença da China e do EUA durante a história de RA e seus elos com este país africano, além de verificar se a teoria da Interdependência Complexa está contida nas relações sino-angolano e estadunidenses com a Angola.

#### 4 RELAÇÕES INTERDEPENDENTES ENTRE ANGOLA E CHINA

No período pós-conflito, o MPLA teve que reconstruir a Angola depois da guerra civil. Sendo assim, José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA, em 1979, Presidente da RA e comandante-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, implementou o programa de reconstrução nacional, intitulado Programa de Reconstrução e Reabilitação (PRR).

Uma das principais iniciativas do PRR era obter o apoio internacional por doadores ocidentais, com investimento em infraestrutura e bem-estar social. Entretanto, o apoio feito pelos países do ocidente, principalmente dos EUA, não obteve o resultado esperado. Sendo assim, o fracasso das relações com o ocidente levou a aproximação de Angola com a China (MENDES; TIAN, 2020).

Quando Angola alcançou finalmente a independência, em 1975, devido à consolidação do poder pelo MPLA, a China decidiu retomar as relações com o governo do partido. Com isso, em 1983, os dois países estabelecem, pela primeira vez, relações diplomáticas. Mais tarde, no início da década de 90, a relação entre ambos os países foi intensificando cada vez mais, como também foi acontecendo com a relação existente entre a China e os demais países africanos, com ênfase para a cooperação no âmbito de defesa.

Percebe-se que a relação entre Angola e China começa a ser ampliada para relações com investimento econômico da China em Angola, por meio do PRR, levando assim os países a terem uma relação mais complexa.

Essa demanda do governo angolano de investir em infraestrutura e nas questões sociais aconteceu justamente com o período de expansão da política externa chinesa. A China buscava uma maior aproximação na comunidade internacional, de modo a construir uma imagem mais positiva sobre a sua política externa. Precisaria ter um papel mais atuante, pois a segurança nacional da China, dependeria também do desenvolvimento de suas capacidades econômicas, tecnológicas e militares (MENDES; TIAN, 2020, p. 58).

Assim, o desenvolvimento de todas essas capacidades ajudou a China a obter maior influência no cenário internacional, diante de outras potências.

O primeiro contrato de Cooperação para o Desenvolvimento foi assinado logo em 2002, entre o Banco de Construção da China, o Banco para a Exportação e Importação da China (Eximbank) e Angola, estimado na ordem dos 150 milhões de dólares (MENDES; TIAN, 2020).

Em março de 2003, houve um primeiro acordo entre o Ministério das Finanças de Angola e o Ministério do Comércio da China, obtendo, assim, um crédito que poderia ser utilizado de 2004 a 2007. A China ajudou financeiramente a Angola nos projetos de reconstrução do país em cerca de dois milhões de dólares. Por sua vez, a China conseguiu o direito da produção de petróleo no território angolano, por meio da empresa chinesa de energia Sinopec (ESTEVES, 2018).

Se, por um lado, esse apoio da China considerava as questões sociais e de infraestrutura de Angola, por outro lado evidenciava o interesse chinês em explorar o mercado angolano e obter acesso a recursos naturais e mão de obra barata, ficando evidente a relação de interdependência mais complexa entre os dois países do que no início do relacionamento, que era apenas no âmbito da defesa.

De acordo com Canto (2021), o projeto do Presidente Xi Jinping pressupõe a renovação da Rota da Seda através de investimentos em infraestruturas de grande escala capazes de impulsionar a circulação de capitais, recursos naturais e produtos entre a Ásia, a Europa e o continente africano, sendo que o Fundo da Rota da Seda proporciona capital passível de ser utilizado para financiamento de projetos específicos relacionados com a iniciativa chinesa.

Angola se tornou umas das prioridades da China no continente africano, não só pelo fato de ser uma das maiores exportadoras de petróleo para a China, mas pela sua localização estratégica na África, onde fica o local de passagem de capitais e mercadorias chinesas para o mundo.

Esses investimentos do Governo chinês no exterior, também são necessários para evitar tendências inflacionárias no país, devido ao excesso de reservas internacionais da China, que contribui para a valorização da moeda local, prejudicando, assim, a exportação dos produtos chineses<sup>8</sup>.

Com isso, fica evidente duas características da interdependência complexa, que são os canais múltiplos nas relações bilaterais entre os países que não é só na economia, mas também na ordem estratégica, social, entre outros, e não há hierarquia clara nas relações bilaterais entre os dois países, não havendo assim uma questão dominante na relação entre os dois países.

A China Petroleum and Chemical Cooperation e a Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola estabeleceram uma joint-venture<sup>9</sup> denominada Sinopec-Sonangol International (SINOPEC..., 2006). Segundo dados do OEC, entre 2003 e 2013, as exportações angolanas de petróleo bruto para a China aumentaram de 1,92 bilhões de dólares para mais de 30 bilhões de dólares (WHAT..., [2015]). O acréscimo considerável do recurso demonstra a necessidade energética da China. Então, a partir desse aumento nos números de projetos de

---

<sup>8</sup> Na década de 1990, por exemplo, a República Popular da China (RPC) foi alvo de subidas consideráveis da inflação devido exatamente à acumulação de reservas internacionais. Na altura, a RPC tinha utilizado as suas reservas internacionais para comprar títulos da dívida norte-americana, o que culminou em altos riscos de depreciação das reservas internacionais chinesas devido às baixas taxas de juro (LI, 2002, p. 50-52).

<sup>9</sup> **Modelo de colaboração empresarial** que consiste na união de duas ou mais empresas com o objetivo de executar um projeto ou criar uma nova empresa para explorar, de maneira eficiente, alguma atividade econômica (JOINT..., 2021).

assistência para o desenvolvimento pela China verificou-se uma necessidade da República Popular da China (RPC) de obter acesso a uma grande quantidade de petróleo.

Em 2009, as relações sino-angolanas foram abaladas pela crise econômica e financeira internacional iniciada em 2008. O ano de 2010 marcou o início de uma nova fase na relação entre os dois países. Foi nesse contexto que, em novembro de 2010, ambos os países anunciaram numa Declaração conjunta, o estabelecimento de uma parceria estratégica:

As duas partes consideram por unanimidade que a China e Angola são parceiros estratégicos e que o reforço da cooperação plena entre os respetivos países corresponde aos interesses fundamentais e de longo alcance dos dois povos..., as duas partes decidem estabelecer a parceria estratégica (EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE ANGOLA, 2010).

Com o aumento da necessidade do petróleo, ao longo dos anos, e o aumento das relações bilaterais entre os países, fica evidente que mesmo com a crise econômica de 2008, a China aumentou os seus laços com a Angola e, conseqüentemente, a teoria da interdependência complexa estava cada vez mais enraizada nas relações internacionais entre os dois países.

Com base nos dados do Observatório de Complexidade Econômica do MIT, no período entre 2009 e 2019, o petróleo bruto foi responsável por 89,3% do total das exportações angolanas, representando um total de US\$ 498 bilhões, sendo que 49,1% deste teve como destino a China (WHAT..., [2015]).

Quanto à origem das importações chinesas de petróleo bruto no mesmo período de 2009 a 2019, Angola é o segundo principal parceiro chinês (14% do total), atrás apenas da Arábia Saudita (16,9%) (NYABIAGE, 2021).

O então Vice-Presidente da Assembleia Popular da China, Wang Chen, manifestou em uma audiência concedida pelo Presidente angolano João Lourenço, que os dois países

mantêm o interesse em fortalecer cada vez mais as relações bilaterais e cultivar o estatuto de parceiros estratégicos. Por sua vez, o Presidente angolano, João Lourenço, respondeu que “desenvolver uma cooperação pragmática com a China é uma escolha estratégica inabalável para o país” (PRESIDENTE...,2019).

Com isso, as características da interdependência complexa entre os dois países ficam cada vez mais entrelaçados, demonstrando, assim, que a utilização da força militar não é o conteúdo predominante nas relações entre os países, como pregava a teoria realista, mesmo após a crise econômica de 2008.

A entrevista feita pelo presidente chinês Xi Jinping, em 10 de abril de 2018, demonstra como a globalização está presente entre os países no mundo:

Devemos nos adaptar ativamente à globalização, em vez de parar nossos passos por causa de dificuldades ou problemas temporários. Nós devemos seguir um conceito de desenvolvimento aberto e tornar a globalização econômica mais aberta, inclusiva e equilibrada, para que seus benefícios sejam compartilhados por todos (EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DA ANGOLA, 2018).

A relação sino-angolana abrange vários campos, que vão desde a política, economia, educação, tecnologia e agricultura, sendo as relações comerciais fundamentais no elo China e Angola.

Em 2019, a empresa chinesa Xingjian Bei Xin Construção e Engenharia Co., Ltda terminou a construção do Centro Piloto de Tecnologia Agrícola no município de Icolo e a província de Luanda, Bengo. Com o intuito de aumentar a capacidade agrícola das terras angolanas produzindo mais alimentos para os angolanos e para exportação destas matérias-primas para os chineses (ANGOLA, 2015).

Em 2018, a Embaixada chinesa em Angola distribuiu 200 bolsas para formação técnica dos jovens angolanos poderem fazer cursos na China, principalmente nas áreas de

finanças, infraestruturas, saúde, logística, minas, comunicação social, turismo, comércio e investimento (CHINA..., 2018).

Paralelamente, Pequim avança no planejamento para o estabelecimento de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) em países africanos. No caso de Angola, a ZEE Luanda-Bengo foi criada no ano de 2009, após o tema ser discutido na Cúpula de 2006 do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC). O tema também obteve atenção no âmbito do Fórum Macau, com o 3º Plano de Ação de 2010 incentivando a criação de novas ZEEs (SECRETARIADO PERMANENTE DO FÓRUM PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2010).

Esse modelo das ZEEs foi desenvolvido na China e busca a reedição em Angola. A implantação dessas zonas gerou um aumento do investimento direto estrangeiro e conseqüentemente um maior desenvolvimento no país africano (VISENTINI; OLIVEIRA, 2012).

A parceria sino-angolana também é percebida na formação das elites políticas africanas. Desde a guerra civil angolana, a China aumenta o aperfeiçoamento de lideranças do país por meio da capacitação direcionada aos partidos políticos vigentes. Em fevereiro de 2022, o governo chinês inaugurou a Escola de Liderança Mwalimu Julius Nyerere na Tanzânia, fundada por seis partidos do sul da África, incluindo o MPLA. O objetivo da Escola é melhorar a capacidade de liderança e de governança dos membros do partido, a fim de amadurecer o desenvolvimento do seu povo. Como salientou o presidente Xi Jinping na inauguração, “A China e a África precisam fortalecer a cooperação mais do que nunca para lidar com riscos e desafios, promover o desenvolvimento comum e melhorar o bem-estar da população” (XI..., 2022, p. 1).

Com base nos argumentos deste capítulo, as relações sino-angolana representam uma relação de interdependência cada vez mais enraizada entre os dois países ao longo dos



anos, seja de exportação de matéria-prima, principalmente petróleo, para China ou de apoio financeiro para infraestrutura e agricultura; formação política e presença maciça de empresas chinesas em Angola.

Isto demonstra que mesmo após as crises, já explicadas no capítulo 2, as relações entre Angola e China estão cada vez mais interdependentes, corroborando para as três características da teoria da Interdependência Complexa, tanto nos múltiplos canais, onde as empresas chinesas estão presentes em Angola, além da relação intergovernamental, ou seja, há relações bilaterais entre os estados, tanto na questão da força militar que não é prioritária nas relações sino-angolana, quanto na relação comercial, que a princípio, é a mais relevante na relação. E, por fim, dificilmente será necessário o emprego da força entre os dois países, visto que os interesses entre os países estão cada vez mais interligados. Sendo assim, as características da interdependência complexa estão presentes entre os dois países atualmente.

## 5 RELAÇÕES INTERDEPENDENTES ENTRE ANGOLA E EUA

De 1975 a 1989, as relações dos EUA com Angola foram definidas pela política da Guerra-fria. Quando o MPLA, apoiado pela União Soviética, anunciou independência do país chegando ao poder em novembro de 1975, com isso, o país estadunidense impugnou a aprovação do país nas Organizações das Nações Unidas (ONU), mantendo essa posição até dezembro de 1976. Os EUA deram apoio à oposição da MPLA em Angola, primeiro à FNLA e depois à UNITA, sem estabelecerem relações diplomáticas com Angola até às eleições nacionais de 1992 (MAI; WISNER; NASH, 2007).

Desde o reconhecimento da RA, em 1993, e especialmente desde o fim da guerra, em 2002, aconteceu um avanço nas relações entre os dois países. Havendo visitas protocolares por parte do Secretário de Estado, Colin Powell, em Luanda (2002), do Presidente dos Santos a Washington, em 2004, e, em 2006. Angola foi escolhida para ser um dos três países na Iniciativa contra a doença Malária<sup>10</sup>, pelo Presidente George W. Bush (MAI; WISNER; NASH, 2007).

Como RA teve no governo um partido político pró EX-URSS durante a GF, as relações entre os dois países não eram tão relevantes. Com isso, as características da Teoria da Interdependência Complexa não eram tão significativas até 1993.

Entretanto, as relações entre os países começaram a melhorar após a GF e, principalmente, após setembro de 2001, mostrando que as relações de interdependência entre os países se intensificaram.

---

<sup>10</sup> A malária é causada por protozoários, que se multiplicam nos glóbulos vermelhos do sangue do homem. As espécies causadoras da malária humana são quatro: *Plasmodium vivax*, *P. falciparum*, *P. malária* e *P. ovale* (BRUCE-CHWATT, 1988).

A Lei de Crescimento e Oportunidade para a África (AGOA) é uma Lei de Comércio dos EUA, promulgada em maio de 2000, da qual cada país africano, para se tornar selecionável para a AGOA, deve ter o compromisso de aprimorar o seu estado de direito, direitos humanos e respeito às normas trabalhistas fundamentais (SOBRE..., [2018]).

A AGOA baseia-se nos programas comerciais existentes nesta grande potência mundial, ampliando os benefícios do programa Sistema de Preferências Generalizadas (GSP) do país. A admissão do isento de impostos ao mercado dos estadunidenses sob o programa combinado AGOA/GSP é de aproximadamente 6.500 linhas tarifárias de produtos, incluindo, entre outros, itens como vestuário e calçados, vinho, certos componentes de veículos motorizados, uma variedade de produtos agrícolas, produtos químicos, aço (SOBRE..., [2018]). O Presidente George W. Bush qualificou o país africano como selecionável às preferências tarifárias da AGOA, em 2003 (MAI; WISNER ; NASH, 2007).

A Embaixada do EUA em Angola possui uma Comissão dos Departamentos de Estado, da Defesa e dos Centros para Controle e Prevenção de Doenças. A Agência do EUA para Desenvolvimento Internacional (USAID), com um orçamento um pouco superior a \$30 milhões, em 2006, auxilia programas voltado para o incremento da segurança alimentar até a assistência para a reforma econômica. Além disso, os ministérios e organismos do governo americano, como o Departamento de Transporte, de Comércio, de Energia e a Administração Federal da Aviação, possuem relações com o país africano (MAI; WISNER; NASH, 2007).

A parceria militar desta grande potência mundial com Angola é restrita, mas importante. O país recebeu a primeira visita de um navio da marinha do EUA, numa viagem pela África Austral, em outubro de 2006. O trabalho da Marinha do país estadunidense com este país africano faz parte de uma estratégia mais abrangente, que visa fortalecer a

segurança marítima no Golfo da Guiné<sup>11</sup>, a chamada AFRICOM<sup>12</sup>. O programa internacional de formação militar (IMET), que atua com um orçamento de quase \$400 000, em 2006, possibilita a formação do idioma inglês pelos integrantes da Forças Armadas de Angola e a formação dos policiais do país (MAI; WISNER; NASH, 2007).

Conforme relatado nos parágrafos anteriores, a relação entre EUA e Angola é de apoio mútuo, o que evidencia que as características da Teoria da Interdependência Complexa estão presentes entre os países em vários segmentos citados, principalmente nas atividades econômicas e comerciais, sem a necessidade do uso da força, apenas pelo interesse dos dois países. Além disso, demonstra que os períodos de crise, conforme informado no capítulo 2, não desestabilizaram a Teoria da Interdependência Complexa, conforme citado pelos autores Keohane e Nye (2011).

Angola tornou-se o segundo maior produtor de petróleo da África, com um aumento de 147% na produção de petróleo de 2000 a 2011, transformando-se em oitavo maior fornecedor de petróleo bruto para o EUA, segundo dados de janeiro a julho de 2011 (PRODUÇÃO..., 2011).

A Chevron, companhia petrolífera norte-americana, está presente em Angola desde a década de 1930, seus compromissos de exploração e de produção começaram em

---

<sup>11</sup> É uma zona que se estende ao longo da costa ocidental africana e tem sido alvo preferencial do interesse das potências internacionais dado o volume e qualidade de petróleo que oferece, mínimo teor de enxofre; à localização geográfica, praticamente no centro do globo onde o equador abraça o meridiano zero grau; à facilidade de exploração e de transporte para os mercados internacionais

<sup>12</sup> O estabelecimento de um Comando Combatente para a África conhecido como (AFRICOM), em 2007, foi para simbolizar o novo compromisso do governo dos Estados Unidos com o continente africano. Há muito considerado um continente conturbado de preocupação limitada com os interesses de segurança nacional dos EUA, os bombardeios das embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia pela Al Qaeda mudaram a dinâmica de um relacionamento tradicionalmente anêmico. A instabilidade política crônica e as guerras civis em todo o continente africano criaram vastos espaços empobrecidos suscetíveis à exploração pela Al Qaeda e outras organizações terroristas antiocidentais para uso como locais de treinamento e planejamento operacional. (PLOCH, 2011).

1954. Inaugurando o primeiro poço de petróleo em terra, em 1958. Em 1966, teve a primeira descoberta de petróleo no mar em sequência da primeira extração em 1968. Em 2000, a empresa iniciou o primeiro projeto de gás natural liquefeito (GNL) naquele país africano sendo a primeira central de GNL no mundo provida do próprio gás (A NOSSA..., [2022]).

A empresa do país estadunidense conseguiu no país africano um marco importante em 2015: 5 milhões de barris produzidos de gás natural (A NOSSA..., [2022]). Porém, o presidente da empresa Billy Lacobie informou que a média de produção líquida diária foi de 89.000 barris de líquidos e 340 milhões de pés cúbicos de gás natural em 2020 e com uma força de trabalho em que a maioria é angolana,90%. Além disso, o presidente informou que a empresa possui uma parceria forte em investimento em programas sociais com o governo angolano, baseado no respeito mútuo, confiança e integridade; e no desejo de apoiar as comunidades onde a empresa opera (LACOBIE, [2020]).

Assim, é perceptível a presença da companhia petrolífera do EUA no setor petrolífero angolano é bastante significativa e vem aumentando sua produção a cada ano. Além do mais, a companhia apoia programas sociais, junto com o governo angolano, e a maior parte dos seus empregados da empresa são oriundo do país africano.

Ademais, os objetivos da política externa estadunidense no país africano buscam dar prioridade na prevenção das principais doenças infecciosas, no fortalecimento dos sistemas de saúde e na capacitação de organizações não governamentais que trabalham na defesa da saúde e na prestação de serviços de saúde. Acrescenta-se que o EUA auxilia o setor financeiro de Angola e trabalha na idealização do setor do turismo por meio da contribuição à conservação ambiental (UNITED STATES OF AMERICA, 2022).

Em 2022, Angola se tornou o terceiro maior parceiro comercial do EUA na África Subsaariana, principalmente devido às suas exportações de petróleo. As exportações dessa

grande superpotência para o país africano incluem máquinas, aeronaves, aves e produtos siderúrgicos. Além de tudo, os dois países assinaram um acordo de comércio e investimento, com intenção de incrementar um maior comércio e investimento (UNITED STATES OF AMERICA, 2022).

Sob esse prisma, pode ser observado que a Interdependência entre os dois países aumentou consideravelmente entre as décadas de 90 e nos anos 2000, demonstrando que as crises de 2001, com o ataque terrorista no território norte-americano, e a crise econômica de 2008 não abalaram esta teoria nas relações internacionais. Pelo contrário, a relação entre EUA e Angola intensificou para outras áreas, como infraestrutura, saúde, educação, entre outras, não havendo hierarquia clara nas relações interestatais, uma das três características da interdependência complexa, ou seja, a segurança militar não será, necessariamente, um conteúdo dominante nas relações entre os estados, como prega o realismo, dependerá do grau de interesse de cada estado nas relações interestatais.

Em 2019, os EUA investiram em torno de 34 milhões de dólares no país africano, a fim de apoiar programas de saúde para combater malária, a pólio e o VIH /SIDA. Com essa assistência contra a malária, as mortes por esta doença foram reduzidas pela metade nos últimos três anos (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM ANGOLA, 2020).

Com os programas de intercâmbio, o país estadunidense criou mais de 900 novos líderes angolanos, por meio da bolsa de estudos Mandela-Washington<sup>13</sup> e dos Centros de Liderança Regionais da Iniciativa Jovens Líderes Africanos (YALI) (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM ANGOLA, 2020).

---

<sup>13</sup> É o principal programa da iniciativa Jovens Líderes Africanos (Young African Fellowship Leaders Initiative – YALI) e incorpora o compromisso dos EUA de investir no futuro de África. A YALI foi criada em 2010, e apoia os jovens Africanos à medida que estimulam o crescimento econômico e a prosperidade, fortalecem a governação democrática e melhoram a paz e a segurança em África.

Em julho de 2019, o EUA e a Angola assinaram um Memorando de entendimento sobre segurança e ordem pública com intuito de aumentar o adestramento dos policiais angolanos e incrementar, abrindo novos caminhos para treinamento, e acelerou a troca de informações entre o Departamento de Estado e de Justiça do país estadunidense e o Serviço de Segurança e Informação do país angolano (Serviço de Inteligência de Angola) (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM ANGOLA, 2020).

Em fevereiro de 2020, houve uma reunião com autoridades governamentais entre os dois países, incluindo representantes da sociedade civil e a comunidade empresarial de Angola, a fim de incrementar o comércio e o investimento entre ambos (EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM ANGOLA, 2020).

A relação comercial entre os dois países teve uma reduzida na exportação e importação de produto durante a COVID-19<sup>14</sup>, de U\$ 1.489,2 milhões em 2019 para U\$ 941,7 milhões em 2020. Entretanto, em 2021, a relação comercial entre os dois países recuperou aumentando para U\$ 1.482,3 milhões em importação e exportação. Em 2022, a tendência é que a relação econômica entre os dois países aumente, visto que, no período de janeiro a maio de 2022, já foram comercializados cerca de U\$ 860 milhões, muito acima do valor comercializado no mesmo período em 2021 (UNITED STATES OF AMERICA, 2022).

As relações entre os países aumentaram significativamente nos últimos anos, principalmente pela mudança de governo no país. O comércio e outros temas citados

---

<sup>14</sup> A pandemia do COVID-19 criou a maior interrupção da economia na história, com fechamento de empresas. O fechamento de escolas, instituições e outros espaços de aprendizagem impactaram mais de 94% da população estudantil do mundo. Isso trouxe mudanças profundas em todos os aspectos da vida das pessoas. O distanciamento social e as políticas restritivas de movimento perturbaram significativamente as práticas tradicionais da população mundial.

intensificaram a relação de apoio mútuo entre os estados, mesmo com a da pandemia da COVID-19.

Destarte, observa-se que neste capítulo as relações de apoio mútuo entre Angola e os estadunidenses se intensificaram cada vez mais ao longo dos anos, quer na importação e exportação de matérias primas, quer passando por investimento na saúde, infraestrutura, educação, entre outros.

Além disso, a empresa norte-americana Chevron é uma das maiores empregadoras de mão de obra angolana e, também, dedica-se a promover projetos comunitários e sociais, o que denota uma clara vantagem em termos de promoção, no âmbito da comunidade.

Isso demonstra que mesmo após as crises, já explicadas no capítulo 2, as relações entre Angola e EUA estão cada vez mais interdependentes, corroborando para as três características da Teoria da Interdependência Complexa, tanto nos múltiplos canais, com os quais as empresas norte-americanas estão presentes em Angola, além da relação intergovernamental, ou seja, há relações bilaterais entre os estados, tanto na questão da força militar que não é prioritária nas relações estadunidense-angolana, quanto na relação comercial, que a princípio, é a mais relevante na relação. Por fim, dificilmente será necessário o emprego da força entre os dois países, visto que os interesses entre os países estão cada vez mais interligados.

Sendo assim, as características da interdependência complexa estão presentes entre os dois países atualmente e cada vez mais intensificada com o passar dos anos.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria da Interdependência Complexa foi a teoria das relações internacionais utilizada para analisar o relacionamento da República de Angola com a China e com o Estados Unidos da América após a crise econômica de 2008.

Por conseguinte, buscou-se responder à questão proposta por esse estudo, inferindo-se que as relações entre Angola e as grandes potências do mundo, China e EUA, têm aderências com a Teoria da Interdependência Complexa de Robert O. Keohane e Joseph S. Nye.

Notou-se que as características da Teoria Realista estavam mais presentes em Angola na relação com os portugueses, visto que os colonizadores utilizavam a força como prioridade na forma de se impor, como por exemplo no emprego do trabalho escravo. Nessa época, a Teoria da Interdependência Complexa estava surgindo, não sendo divulgada no fim do período de independência de Angola.

Conclui-se, ainda, que a teoria citada se interpõe com a teoria realista, a qual era a teoria das relações internacionais predominante na época.

A Teoria da Interdependência Complexa apresenta três características, quais sejam: múltiplos canais; relações hierárquicas que não utilizam prioritariamente a força; e o não emprego da força militar de um governo sobre outro ator quando houver uma relação de interesses entre as partes.

Além disso, evidenciou-se que a Teoria da Interdependência Complexa se fortaleceu após os desafios impostos pelas crises do fim da Guerra Fria (GF) em 1989, do atentado terrorista do 11 de setembro de 2001 e da crise econômica de 2008.

Percebeu-se que a China teve uma relação mais promissora com Angola do que os EUA, principalmente com a política da rota de seda em busca de recursos naturais, como o petróleo, enquanto o EUA teve pouco apoio mútuo junto a Angola, até a Guerra Civil ocorrida no país africano. Com o passar do tempo, tanto a relação sino-angolana quanto a estadunidense com Angola conseguiram manter as relações de apoio mútuo, mesmo com as crises que desafiaram a teoria da interdependência.

As relações de múltiplos canais aumentaram mesmo com a crise econômica de 2008, tendo uma relação cada vez mais complexa entre os países com múltiplos canais estabelecidos, seja por transnacionais, interestaduais ou entre vários segmentos como educação, infraestrutura e principalmente comercial, entre outros, não havendo assim uma relação de hierarquia entre os Estados. Atualmente, após a pandemia da COVID-19, as relações entre os países se intensificaram, seja na esfera política, econômica, militar entre outros.

Outrossim, de modo a responder à questão proposta por este trabalho, conclui-se que a teoria das relações internacionais dos atores Kenedy e Nye está cada vez mais enraizada nas relações da República de Angola com as grandes potências mundiais citadas após a crise econômica de 2008, constatando-se, assim, a aderência da realidade à teoria em tela.

No entanto, este trabalho, de forma alguma, pretende exaurir o assunto, visto que pode haver novas críticas à Teoria da Interdependência Complexa como aconteceu com as crises citadas. Até porque, mesmo em um mundo cada vez mais globalizado, com cada vez mais apoio mútuo entre os Estados, a Teoria da Interdependência Complexa não descarta o uso da força entre eles.

## REFERÊNCIAS

- A NOSSA história em Angola: **mais de 60 anos de excelência operacional**. [2022]. Disponível em: <https://angola.chevron.com/about/our-history-in-angola>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- ALEXANDRE, Valentim; DIAS, Jill (coord.). **O Império Africano: 1825-1890**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. (Nova história da expansão portuguesa). 864 p.
- ANGOLA. Ministério das Relações Exteriores. **Memorando sobre a participação de Angola na 6ª Conferência Ministerial e na 2ª Cimeira de Chefes de Estado e do Governo do Fórum de Cooperação China-África**. Luanda: Ministério das Relações Exteriores, Direção da Ásia e Oceania, 2015.
- ARON, Raymond. **Paix et guerre entre las nations**. Paris: Calman-Lévy, 2004. 744p.
- BRUCE-CHWATT, L. J. **Malaria: principles and practice of malariology**. Edinburgh: Wernsdorfer & McGregor, 1988.
- CANTO, Karen. China investe pesado na Rota da Seda. **Com ciência**, São Paulo, dossiê 224, Disponível em: <https://www.comciencia.br/a-nova-rota-da-seda-na-pandemia>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- CHAZAN, Naomi *et al.* **Politics and Society in Contemporary Africa**. [S. l.]: Macmillan Education UK, 1999. 539 p.
- CHINA concede 200 bolsas a angolanos. **Agência Angola Press**. 2018. Disponível em: [https://www.angop.ao/angola/pt\\_pt/noticias/educacao/2018/3/14/China-concede-200-bolsas-angolanos,6563a941-2331-4b20-bda2-b3deeb4e08e0.html](https://www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/educacao/2018/3/14/China-concede-200-bolsas-angolanos,6563a941-2331-4b20-bda2-b3deeb4e08e0.html). Acesso em: 18 jul. 2022.
- EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Íntegra da declaração conjunta entre Angola e a China**. 2010. Disponível em: <http://ao.chineseembassy.org/por/zagx/t771206.htm>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Globalização corresponde aos interesses comuns de todos os países, diz Xi**. 2018. Disponível em: [http://ao.china-embassy.gov.cn/por/ssyw/201804/t20180411\\_7109930.htm](http://ao.china-embassy.gov.cn/por/ssyw/201804/t20180411_7109930.htm). Acesso em: 17 jul. 2022.
- EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE ANGOLA. **O Governo da China e o Executivo de Angola assinaram o Certificado da Recepção da Doação dos Materiais Hospitalares**. 2018. Disponível em: <https://www.mfa.gov.cn/ce/ceao//por/ssyw/t1540003.htm>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Angola foi em julho o maior fornecedor de petróleo da China**. 2016. Disponível em: [http://ao.china-embassy.gov.cn/por/zagx/201608/t20160830\\_7110253.htm](http://ao.china-embassy.gov.cn/por/zagx/201608/t20160830_7110253.htm). Acesso em: 27 jun. 2022.

EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS EM ANGOLA. **Os Estados Unidos e a Angola aprofundam uma importante parceria estratégica.** Luanda, 2020. Disponível em: [https://ao.usembassy.gov/pt/os-estados-unidos-e-a-angola-aprofundam-uma-importante-parceria-estrategica/?\\_ga=2.261293069.160783421.1659384587-669918093.1659384587](https://ao.usembassy.gov/pt/os-estados-unidos-e-a-angola-aprofundam-uma-importante-parceria-estrategica/?_ga=2.261293069.160783421.1659384587-669918093.1659384587). Acesso em: 15 jun. 2022.

ESTEVES, Dilma. **Relações de cooperação China – África: o caso de Angola.** [S. l.]: Almedina, 2018. 278 p.

FERREIRA, Roquinaldo. **Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade.** [S. l.]: Reprint, 2014. 282 p.

GONÇALVES, Jonuel. **A economia ao longo da história de Angola.** Luanda, Angola: Mayamba, 2011. 152 p.

JOINT Venture: o que é, objetivo, tipos, vantagens e desvantagens. São Paulo: FIA, 2021. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/joint-venture/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and interdependence.** 4. ed. Londres: Longman, 2011. 368 p.

LACOBIE, Billy. **Mensagem do nosso director geral.** Chevron, [2020]. Disponível em: <https://angola.chevron.com/about/a-message-from-our-managing-director>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LI, Zhiping. Thinking on the management of Foreign Exchange Reserve of China. **The Theory and Practice of Finance and Economics**, v. 23, n. 120, pp. 50-52, 2002.

MAI, V.A; WISNER, F.G; NASH, W.L. **Toward an Angola Strategy: Prioritizing U.S.-Angola Relations.** [S. l.]: Council on Foreign Relations Press, 2007. 59 p

MENDES, Carmen Arnaldo; TIAN, Xintong. As motivações políticas e económicas da presença chinesa em Angola. **Relações Internacionais**, p. 57-70, mar. 2020. DOI 10.23906. Disponível em: [http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista\\_ri/pdf/ri65/RI\\_65\\_art05\\_CAMXT.pdf](http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri65/RI_65_art05_CAMXT.pdf). Acesso em: 18 jun. 2022.

MINGST, Karen A.; ARREGUÍN-TOFT, E. Ivan M. **Princípios de relações Internacionais.** 6. ed. São Paulo: Gen Atlas, 2014. 448 p.

N'KRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo: último estágio do imperialismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

NYABIAGE, Jevans. **Why Angola struggles to shake off its economic dependence on China.** 2021. Disponível em: <https://www.msn.com/en-xl/news/other/why-angola-struggles-toEC.%20What%20does%20Angola%20export?o-shake-off-its-economic-dependence-on-china/ar-AAQqWih>. Acesso em: 11 jun. 2022.

PACHECO, L. M., COSTA, P., & TAVARES, F. O. (2018). **História económico-social de Angola**: do período pré-colonial à independência. *População e Sociedade*, 29, 82-98. Disponível no Repositório UPT, <http://hdl.handle.net/11328/2282>. Acesso em: 20 maio 2022.

PLOCH, Lauren. **Africa Command**: U.S. strategic interests and the role of the U. S. Military in Africa. Congressional Research Service, 2011.

PRESIDENTE e líder parlamentar angolanos reúnem-se com Wang Chen. *China Rádio Internacional*, Beijing: CRI, 2019. Disponível em: <https://portuguese.cri.cn/news/world/408/20190606/299495.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PRODUÇÃO petrolífera angolana duplicou desde 2003. **US Energy Information Administration**, Washington, 2011. Disponível em: <https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=3490>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SCHMIDT, Elizabeth. **Foreign intervention in Africa** from the Cold War to the war on terror. New York: Cambridge, 2013. 290 p.

SECRETARIADO PERMANENTE DO FÓRUM PARA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (MACAU). **Plano de acção para a cooperação económica e comercial da 3ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (2010-2013)**. Disponível em: <https://www.forumchinapl.org.mo/pt/ministerial-conferences-4/strategic-plan-for-economic-and-trade-co-operation-of-the-3rd-ministerial-conference-of-the-forum-for-economic-and-trade-co-operation-between-china-and-portuguese-speaking-countries-2010-2013/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SINOPEC beats ongc, gets Angola block. **Financial Express**, New Delhi, 2006. Disponível em: <https://www.financialexpress.com/archive/Sinopec-beats-ONGC,-gets-Angola-%20-block-/171139/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

SOBRE a AGOA. **AGOA.info**, [2018]. Disponível em: <https://agoa.info/about-agoa.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Commerce. **Trade in goods with Angola**. Washington, 2022a. Disponível em: <https://www.census.gov/foreign-trade/balance/c7620.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of State. **Relações dos EUA com Angola**. Washington, 2022b. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-angola>. Acesso em: 15 jun. 2022.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **A África Moderna**: um continente em mudança (1960-2010). Porto Alegre: Leitura XXI, 2010. 152 p.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **A África na Política Internacional**: o sistema interafricano e sua inserção mundial. Curitiba: Juruá, 2012. 272 p.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **História do Século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 1998.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; OLIVEIRA, Guilherme Ziebell. As relações sino-africanas: (muitos) mitos e (algumas) realidades. **Século XXI**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 25–40, jan-jun 2012.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MARTINS, José Miguel Quedi; RIBEIRO, Luiz Dario; GROHMANN, Luiz Gustavo. **Revoluções e regimes marxistas**: rupturas, experiências e impacto regional. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.408 p.

WESTAD, Odd Arne (Ed.). **The Global Cold War**. Cambridge: Cambridge, 2005.

WHAT does Angola export? [2015]. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/bilateral-product/crude-petroleum/reporter/ago?netTradeYearSelector=exportYear8&year>

XI Jinping felicita inauguração da escola de liderança Julius Nyerere. **Xinhua**. Disponível em: <http://portuguese.people.com.cn/n3/2022/0224/c309809-9962291.html>. Acesso em: 16 abr. 2022.

XINHUANET. **Especialistas médicos chineses chegam a Angola para ajudar na luta contra COVID-19**. 2020. Disponível em: [http://portuguese.xinhuanet.com/2020-10/09/c\\_139427624.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2020-10/09/c_139427624.htm). Acesso em: 27 jun. 2022.